

# RESPOSTA a um comentário

por AFONSO RIBEIRO

Do alto da revista *presença*, (1) uma folhinha elegante, diletante de arte e crítica, vem o Sr. José Régio de acusar «os rapazes do *Sol Nascente*» de muita coisa feia.

Há-de parecer à primeira vista que o autor de «As encruzilhadas de Deus», precisamente porque se trata de «rapazes» e ainda por ele próprio estar longe de ser um velho, saiu à estacada a exprobrar-nos a falta de nervo, de combatividade e audácia—atributos estes que a mocidade, se já não nasceu caduca, traz sempre consigo. Puro engano: o Sr. Régio, numa atitude grave de académico, (uma atitude onde se engloba: «espanto, indignação, revolta, violência e desgosto»)—lançamos em face nem mais nem menos que o contrário. Donde se poderia concluir que o Sr. Régio nos condena por não possuímos ainda bastantes cabelos brancos. Mas não. Façamos a justiça ao Sr. Régio de o crer avisado suficientemente para não aferir o mérito ou desmérito das pessoas pela certidão de idade que possam exhibir. Façamos-lhe esta justiça.

Ao fim é ao cabo que actos indecorosos, inauditos atrevimentos, «impertinências e basófilas» nos assaca este poeta, romancista, ensaísta, crítico de arte, crítico cinematográfico, etc., etc.? Isto, apenas: termos *consentido* que o Prof. Dr. Abel Salazar publicasse nas colunas da revista uns artigos desfavoráveis ao Sr. António Sérgio. A acção foi condenável? Foi louvável? O Sr. Régio seguiu a questão pela rama e não leu uma nota de «os rapazes do *Sol Nascente*» inserta no n.º 23, de 15 de Janeiro, estando por consequência a falar no ar? Nada disso nos interessa agora. Rasgo digno de aplausos ou de apupos *Sol Nascente* publicou os artigos. E publicou-os livremente, conscientemente.

Ora o Sr. José Régio, que os leu de fugida (e talvez nem os tivesse lido), que faz? Corre a casa e de cabelos em pé revolve os seus livros. Isto numa pressa desordenada, numa fúria medonha. Sua, pragueja. E é de presumir que ante tal furor as paredes tremessem nos alicerces.

Decorre uma, duas horas. O Sr. Régio, em mangas de camisa, procura sempre. Procura um certo volume de capa severa onde duas espadas lon-

gas e finas se cruzam. Ele possui o alfarrábio, tem a certeza. Mas onde, não sabe. Aquela sua memória... Ah a pérfida, a traçoira! Sente ganas de se arrepear. E já ansioso, despeja a última estante. E o livro surge, enfim. Sob a camada de pó as duas espadas mal se vêem. Com gestos bruscos põe-se a limpá-lo. Depois atira-se para um *maple* e mergulha na leitura. Durante a noite inteira ele lê. Lê sem descanso, afliktivamente, quasi sem respirar. Histórias de cavaleiros andantes—de heróis da Meia Idade. Histórias de campeões, de gestos teatrais e sangue a esparrinhar de fundos golpes. O tempo rola; o Sr. Régio trepida. No fim, quando volta a última página, uma grande indecisão o toma. Concebera ressuscitar em si um desses bravos de antanho e a sua preferência não se fixa. Será Amadis, será Percival? Estes dois nomes, mais que nenhum, tentam-no. Ambos lhe parecem belos. E destemidos até à loucura. Qual pôr de lado para modelo? Preferir um é ofender o outro. Deita à sorte. Os papellinhos resolverão. Sai Percival. E o Sr. José Régio assentou em que seria Percival.

Todo o dia é levado em apressos. Depois, os ensaios. A cota de malha cinge-lhe o tronco, a lâmina de Toledo, «do mais fino aço», com elegância suprema lhe roça o calção de veludo. Cola o bigode de gulas reviradas sobre o lábio feliz, dá aos olhos um certo ar de agressiva serenidade—e, frente ao espelho, a mão no quadril, pela primeira vez solta o brado: *Pela minha dama*. Correm assim semanas. Do poeta antigo nada resta. Seus passos de cavaleiro andante, passos fortes de homem forte, ressoam pela casa. Seu quarto é sala de armas. Esgrime, treina-se. De noite sonhos bellicosos o agitam. E, cada vez mais estrondosamente, vai gritando: *Por minha dama*. Está exausto. Contudo está transformado. E' bem o Percival de outrora, o formoso, aguerrido, sanguinário Percival das estalagens e das espadeiradas mortais. Pensa isto, ardentemente julga isto. E, porque o pensa e porque o julga, um dia, de súbito, irrompe na praça e tenta lançar aos quatro pontos as suas frases incendiárias, e verter o seu sangue generoso por todos os desvalidos, por todos os ultrajados,

por todas as mulheres formosas e por todos os simples.

Mas—oh deuses cruéis, oh maldosos deuses!—o advogado medieval corre para o público e quando abre a boca engasga-se, gagueja e só sabe dizer:—Quê, desgraçados, ingratos, levianos, garotinhos imbecis. Vós não admirais, não incensais, não venerais a obra do Sr. António Sérgio? (2) Pois ficai sabendo que o Sr. Alfredo Pimenta lha admira e lha respeita.

O Sr. Alfredo Pimenta admirava a obra do Sr. António Sérgio, talvez lha invejasse e o Sr. Régio, como um avarento, guardou esta verdade histórica, aferrolhou a a sete chaves no seu seio, afagou-a em segredo—para de repente, num largo, venturoso gesto de triunfo nos confundir, jogando-no-la à cara. Não, isto não se fazia. E notícias semelhantes dão-se com cuidado, preparando o terreno. Do mesmo modo que se avisa da morte duma pessoa de família. Mas assim, de improviso, sem atender a possíveis ataques cardíacos, a uma congestão cerebral, a qualquer desordem brusca do organismo—é feio, é feroz, é deshumano.

O Sr. Alfredo Pimenta admira, talvez inveje a obra do Sr. A. Sérgio, e o Sr. Régio que o sabe, fecha-se em copas. O Sr. Régio descobre que o Sr. de Pimenta é de hoje em dia e possivelmente de há muito a balança fiel onde se pesam os talentos lúscos que uso faz da sua descoberta? Comunica-a à Academia, regista a patente? Não, senhores. Para se rir da nossa ignorância atira-nos com ela no gesto superior dum milionário. Entretanto uma pavorosa ideia nos acorre. Que será de Portugal no dia em que este oráculo infalível tiver a perversa lembrança de desertar do número dos vivos? Como estabelecer depois se o sr. fulano possui talento, se o sr. sicrano possui génio, se o sr. beltrano não possui coisíssima nenhuma—pois que o homem incomparável, o único, nos abandonou, nos fugiu com o seu saber e a sua crítica? Responderá talvez o Sr. Régio: comprando mesas de pé de galo e pedindo com insistência, porfiadamente, ao ilustre habitante da outra vida que venha, por meio de pancadinhas, esclarecer as nossas inteligências indecisas. Má resposta, porém. Sobretudo má perspectiva para o povo que tem de pautar as

suas opiniões pelo que, porventura, os mortos lhe possam segredar.

Notável é que o Sr. Régio não ficou por aqui. Assou-se, pigarreou, acabando por nos dizer, muito convicto, muito sério, que devíamos admiração ao Sr. A. Sérgio porque êle «tem mostrado amor à juventude».

Suponhamos que um patife qualquer espanca o pai, explora o corpo bem tallhado da irmã e, às esquinas, faz passar para o seu bolso os cobres miseráveis que os cegos têm nos chapéus estendidos à caridade. Parecerá que a Africa seria o seu poiso natural. Apura-se todavia que êsse maroto ama a juventude. Perante o que, em vez da Africa, se acaba por lhe oferecer uma comenda.

De sorte que, o Sr. Régio, tendo descido as escadas na ilusão de ser Percival, subiu-as sem dar conta que era D. Quixote. E só desta forma se explica que, instantes idos, nos surja embrulhado num ar conselheiral, um ar infeliz e grave de Acácio—do pobre Acácio do Eça. Entretanto quasi nos implora que o tratemos de mestre régio. Mestre régio? Não, tenha paciência, meu caro senhor. V. é um belo poeta, e a respeito disto ninguém tem dúvidas. Mas, neste caso, não foi além dum Acaciazinho—um reles Acaciazinho de terecira ordem.

P. S.—No seu «Comentário» o Sr. José Régio parece querer insinuar que *Sol Nascente* se encontra acorrentado à vontade do Prof. Dr. Abel Salazar. Ora isto é simplesmente falso. *Sol Nascente* acolhe com imenso prazer a colaboração do Dr. Abel Salazar—é verdade. *Sol Nascente* admira sincera, profundamente o Dr. Abel Salazar—é verdade ainda. Mas o Dr. Abel Salazar é livre e *Sol Nascente* é livre. E nem êle pretende fazer de nós subordinados—nem nós possuímos espirito de lacaios.

(1) número 51.

(2) O nome do Sr. António Sérgio é citado por mera necessidade sem que isso envolva qualquer ataque à sua pessoa. Tão pouco estamos a defender o Sr. Dr. Abel Salazar—quanto mais não fosse por esta razão poderosa: não precisar o Dr. Abel Salazar que o defendam. O Sr. José Régio atacou *Sol Nascente*. *Sol Nascente* defende-se. E é tudo.